Dr. Dave Mathewson, Apocalipse, Aula 13, Apocalipse 7, A Multidão, e 8, O Selo Final

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu curso sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 13, Apocalipse 7, A Multidão, e capítulo 8, O Selo Final.

Em Apocalipse 7, e começando com o versículo 9 que lemos anteriormente, somos apresentados a um segundo grupo.

Vimos o primeiro grupo sendo de 144.000, provavelmente imagens militares do Antigo Testamento, imagens de um censo para determinar o número de membros combatentes elegíveis de cada uma das tribos de Israel. Agora, essa linguagem se aplica ao novo povo de Deus, a igreja, retratando-o como um poderoso exército que sai e luta. No meio dos acontecimentos do capítulo 6, ao responder à questão de quem pode resistir, este poderoso exército que foi selado e protegido para o propósito de Deus sai como um poderoso exército para a batalha.

Mas, ironicamente, fazem-no através do seu testemunho fiel e sofredor. Agora, em contraste com isso, no versículo 9, somos apresentados a outro grupo, uma grande multidão que era tão grande que ninguém conseguia contá-la. E novamente, temos que fazer as mesmas perguntas.

Quem é este grupo e qual é a sua relação com o primeiro grupo? Em primeiro lugar, normalmente, os dois grupos são mantidos bastante distintos, se não completamente separados. Observe o contraste na forma como são descritos. O primeiro grupo está claramente numerado, 12 mil de cada uma das 12 tribos, terminando com 144 mil.

Portanto, o primeiro grupo é numerado de forma clara e explícita. Diz-se explicitamente que o segundo grupo não é numerado; isto é, ninguém poderia numerá-lo. Então, por causa disso, os dois não poderiam ser iguais.

Um está numerado; o outro não pode ser numerado. E um deles está limitado à nação de Israel, o outro são pessoas de todas as tribos, línguas e idiomas. Portanto, por esse motivo, a maioria os manteria razoavelmente, se não completamente, distintos um do outro como dois grupos separados.

A outra coisa a dizer é que com os 144 mil, como dissemos, a cena muda. Os 144.000 agora estão diante do Cordeiro e diante do trono de Deus e diante do Cordeiro, evocando a mesma cena, a cena da sala do trono, dos capítulos 4 e 5. Agora, esta multidão inumerável agora está na presença de Deus, está no sala do trono de

Apocalipse 4 e 5, de modo que agora eles são basicamente retratados como tendo recebido sua recompensa. Eles são retratados como recebendo sua salvação final.

Eles são recompensados; eles são justificados na presença de Deus. Então, em certo sentido, mais uma vez, o capítulo 7 começa a responder à pergunta dos santos, das almas debaixo do altar que foram decapitadas por causa da sua fidelidade, que clamam: Até quando, Senhor? Agora, de certo modo, vemos a vindicação final do povo de Deus. Nesta parte do capítulo 7, eles parecem ter alcançado o seu destino final.

Eles parecem entrar na recompensa de permanecerem vindicados diante de Deus e diante de Seu trono e diante do Cordeiro na corte celestial e na sala do trono celestial. E falaremos um pouco mais sobre isso e a que isso pode estar se referindo e o que isso pode implicar um pouco mais tarde. Mas, novamente, a questão é: quem são esses? Eles são completamente distintos do grupo do capítulo 7? E, novamente, na primeira leitura, parece que é realmente esse o caso.

Novamente, um está numerado, o outro não. Um está relacionado à tribo de Israel. Os outros são pessoas de todas as tribos, línguas e línguas.

Um é encontrado na terra, aparentemente. Este é um grupo celestial diante do trono. Contudo, penso que há razões para considerá-los como o mesmo grupo, vistos de diferentes perspectivas.

A primeira razão é esta. A primeira coisa a chamar a atenção é esta, que parece sugerir identidade. Acho que este é o mais significativo.

Observe o contraste que você encontra neste texto entre o que João ouve e o que João vê. O mesmo contraste ao qual fomos apresentados no capítulo 5. Agora lembre-se, e o que dissemos é frequente, e veremos isso algumas vezes ao longo de Apocalipse, João ouvirá algo e então ele se virará e verá algo e o que ele vê interpreta ainda mais o que ouviu. E muitas vezes, o que ele vê e ouve são as mesmas coisas, mas apenas vistas de perspectivas diferentes.

Volte para o capítulo 5 novamente. O que é que João ouve? Quando João tem o privilégio de entrar na sala do trono celestial, ele vê Deus sentado no trono. Ele vê então no capítulo 5 Deus em seu trono com um pergaminho na mão direita.

Ele percorre o universo em busca de alguém, não encontra ninguém digno e começa a chorar. E um anjo interrompe o choro e diz-lhe: o leão da tribo de Judá venceu. Então João ouve que houve alguém considerado digno, o leão da tribo de Judá.

Mas o que acontece quando João olha e vê? O que ele vê? Ele não vê um leão da tribo de Judá; ele vê um cordeiro morto. Duas figuras e imagens muito diferentes,

um leão e um cordeiro morto, mas claramente João não está vendo duas pessoas diferentes, dois messias diferentes. Está claro no contexto que ele está vendo a mesma coisa.

É que o que ele vê e ouve interpreta um ao outro. O que ele vê é um leão que vence, ou o que ele ouve é um leão que vence, mas o que ele vê é um cordeiro morto que ajuda a interpretar e nos ajuda a compreender como ele foi vencido. Como leão da tribo de Judá, como Cristo vence? Ele vence ironicamente como um cordeiro morto.

O que, novamente, é o mesmo que o poderoso exército do início do capítulo 7 vence. Então, novamente, a questão é que o que João ouve e vê refere-se exatamente à mesma coisa, mas em imagens diferentes que se interpretam mutuamente. E eu sugeriria que é exatamente isso que está acontecendo aqui.

No capítulo 7, versículos 1 a 8, é isso que João ouve. João diz que ouvi o número deles, versículo 4, ouvi o número dos que foram selados, 144.000. Agora observe no versículo 9, depois disso, olhei, e ali diante de mim estava um grande trono.

Agora, isso é o que João viu. Assim, João ouve cerca de 144.000 selados das tribos de Israel, retratando o povo de Deus como um poderoso exército. E especialmente se tomarmos isso como João usando imagens do Antigo Testamento agora tipologicamente para se referir ao novo povo de Deus, então o que João ouve, um poderoso exército de 144.000, é agora interpretado ainda mais pelo que ele vê, uma multidão inumerável. estando diante do trono de Deus, vitorioso.

Portanto, eles são o mesmo grupo de pessoas, mas vistos de perspectivas diferentes. No primeiro caso, eles são vistos de uma perspectiva terrena como um exército poderoso que luta, ironicamente, através do seu testemunho fiel, até ao ponto do sofrimento e da morte, tal como fez o Cordeiro. E então o versículo 9 e seguintes, agora olhando para o mesmo grupo de uma perspectiva celestial, agora da perspectiva de uma multidão incontável que agora está vitoriosa diante de Deus.

Agora eles venceram a batalha e agora recebem sua recompensa e agora são vitoriosos diante de Deus. Então, o mesmo grupo olhou para isso de diferentes perspectivas. E dada a natureza do simbolismo apocalíptico, não há necessidade de ver uma contradição entre um grupo que poderia ser contado e um grupo que não pode, porque, novamente, João está usando imagens diferentes para retratar o mesmo grupo a partir de perspectivas diferentes.

Um poderoso exército na terra que sai e luta, mesmo diante da hostilidade, até ao ponto do sofrimento e da morte. Agora, ele imagina o mesmo grupo usando imagens diferentes. Ele vê o mesmo grupo como vitorioso diante do trono de Deus e agora recebendo sua recompensa celestial.

A segunda coisa que também apoiaria isso é notar que essa multidão incontável no versículo 9 também acaba ficando diante do trono vestindo vestes brancas e segurando ramos de palmeira. Dissemos que as vestes brancas podem sugerir pureza e retidão e provavelmente também vitória. E uma das coisas que os ramos das palmeiras também poderiam significar era a vitória.

Portanto, dado o fato de que eles usam túnicas brancas e seguram ramos de palmeira, isso acrescentaria ao fato de que agora eles são vitoriosos. O poderoso exército de 1 a 8 agora conquistou a vitória através de seu sofrimento e testemunho fiel. Eles agora são vitoriosos na presença de Deus.

Portanto, gostaria de sugerir novamente que, em vez de dois grupos separados, tenhamos o mesmo grupo de pessoas. Isto é, o povo de Deus é composto por judeus e gentios de todas as tribos, e a língua e o idioma são retratados a partir de duas perspectivas diferentes. Agora, uma pergunta é: por que João descreve este grupo no versículo 9 como uma multidão incontável, como um grupo de pessoas de cada tribo? Observe que essa frase ocorre novamente sete vezes ao longo do Apocalipse.

Cada nação, tribo, povo e língua, alguma versão ou variação disso, ocorre sete vezes ao longo do livro do Apocalipse. Mas por que ele os descreve como uma multidão inumerável, que novamente agora está vitoriosa no céu? Provavelmente, uma razão pode ser, você pode imaginar quase psicologicamente, para um grupo de pessoas nas sete igrejas nos capítulos 2 e 3, para um grupo de pessoas tentando viver sua fé no Império Romano, especialmente as duas igrejas que são fiéis pelo seu sofrimento, muitas vezes em situações de sofrimento e perseguição, podemos ser tentados a pensar que são simplesmente uma minoria insignificante. E agora, ao retratá-los como uma multidão incontável, o autor quer demonstrar que, não, não são uma minoria insignificante.

Eles não são apenas um pequeno conclave que ocorre simplesmente por capricho do Império Romano. Mas agora ele diz: não, na verdade você pertence a uma grande multidão que não pode ser contada. Essa poderia ser uma função da multidão inumerável.

Mas acho que há outro mais importante. Na minha opinião, esta linguagem de uma grande multidão que ninguém poderia contar também ressoa com o contexto do Antigo Testamento. E se você pensar um pouco sobre o pano de fundo da história do Antigo Testamento, e novamente João assume a maior parte dela, especialmente a literatura profética, mas João não está restrito à literatura profética.

Ele remonta ao Êxodo. Ele assume a história do Êxodo. Ele assume a história da criação.

E quando você pensa sobre a história do Antigo Testamento, onde você encontra um grupo de pessoas ou uma multidão de pessoas que não pode ser numerada? Você encontra isso diversas vezes em conexão com as promessas feitas a Abraão. Lembre-se, repetidamente, de Abraão, começando no capítulo 12, quando Deus promete que ele será uma grande nação, dele surgirá uma grande nação e, eventualmente, todas as nações da terra serão abençoadas. Quando essa promessa é repetida na aliança feita com Abraão ao longo de Gênesis, você encontra esta ideia afirmada diversas vezes de que a semente de Abraão e sua descendência um dia se tornariam tão numerosas que seriam mais numerosas que as estrelas do céu.

Ou um dia a descendência de Abraão se tornaria tão numerosa que seria ainda mais numerosa do que a areia da praia. Por exemplo, em Gênesis, capítulo 13 e versículo 16, há uma das primeiras iterações dessa ideia. E no versículo 16, para ler 15, Deus promete a ele toda a terra que você vê, darei a você e sua descendência para sempre.

Versículo 16, farei a tua descendência como o pó da terra, para que, se alguém pudesse contar o pó, então a tua descendência pudesse ser contada. E a ideia é quem no mundo poderia contar partículas de poeira? A ideia é ninguém. E é assim que a descendência de Abraão será numerosa.

Outro exemplo, capítulo 15 e versículo 15. Você, porém, Abraão, irá para seus pais em paz e será sepultado em boa velhice. Na quarta geração, os seus descendentes voltarão daqui, pois o pecado dos amorreus ainda não atingiu a sua plenitude.

Não era isso que eu queria. Na verdade, 15 versículo 5. Me desculpe, eu disse 15. 15 versículo 5. Ele o levou para fora.

Deus levou Abraão para fora e disse: Olhe para o céu e conte as estrelas. Se de fato você pode contá-los, então ele lhe disse: Assim será a sua descendência. Ou seja, a descendência de Abraão seria incontável.

Ninguém poderia numerar a descendência de Abraão. Uma última no capítulo 22. Numa reiteração do mesmo tema.

Capítulo 22. E no versículo 17. Certamente te abençoarei.

Deus falando com Abraão. Certamente abençoarei você e farei com que seus descendentes sejam tão numerosos quanto as estrelas do céu e como a areia da praia. Seus descendentes tomarão posse das cidades dos seus inimigos.

Então você tem este tema ao longo de Gênesis: Deus promete a Abraão que sua semente ou seus descendentes seriam inumeráveis. Eles seriam tão grandes que

ninguém poderia contá-los. Não mais do que você poderia contar todas as estrelas no céu ou a areia na praia ou todas as partículas de poeira.

É assim que são numerosos os descendentes de Abraão. Acho que é nessa linguagem que John está se baseando aqui. Portanto, ambas as imagens vêm do Antigo Testamento.

A imagem das tribos de Israel e sua numeração, bem como a multidão que ninguém poderia contar, são ambas imagens do Antigo Testamento que se aplicam a Israel. Então não é como se o primeiro fosse israelita e o segundo não.

Ambas vêm diretamente do Antigo Testamento e ambas se aplicam à nação de Israel. E aqui está a multidão incontável. Acho interessante que John não atenda, pelo menos nesta imagem; ele não aborda explicitamente o tema de Gênesis 12 de que Abraão seria uma bênção para todas as nações.

Curiosamente, em vez disso, ele segue a promessa da própria semente física de Abraão de que seria mais numerosa do que a estrela, de que seria tão grande que ninguém poderia contar. Mas agora João reinterpreta, num certo sentido, a promessa feita ao Israel étnico, a descendência física de Abraão, e agora aplica-a a um grupo composto por todas as nações, tribos, línguas e povos. Assim como João fez nos primeiros oito versículos e pegou a linguagem das 12 tribos de Israel e as contou para determinar sua força militar e aplicou isso ao novo povo de Deus feito de judeus e gentios, agora ele faz o mesmo com este linguagem de uma grande multidão que ninguém poderia contar.

Em outras palavras, em cumprimento das promessas feitas a Abraão de que a semente física de Abraão seria mais numerosa do que as estrelas do céu e a areia do mar, tão numerosas que ninguém poderia contar, João agora toma isso e encontra seu cumprimento final em uma grande multidão que não se restringe apenas ao Israel físico, mas se expande para incluir pessoas de todas as tribos, línguas, línguas e nações. Então, novamente, o que quero dizer é, e acho importante entender, que ambas as imagens, os 144.000 de cada uma das 12 tribos de Israel e a multidão inumerável, ambas se baseiam na linguagem do Antigo Testamento referindo-se ao Israel do Antigo Testamento, agora aplicando-a ao novo povo de Deus, a igreja. Assim, em cumprimento da promessa feita a Abraão de inumeráveis descendentes, esses descendentes serão vitoriosos.

E, curiosamente, observe alguns dos textos que li, especialmente o último, que o conecta com a vitória deles sobre seus inimigos, especialmente Gênesis capítulo 22. Agora, a multidão inumerável foi vitoriosa sobre seus inimigos através de seu fiel testemunho sofrido. Agora, em cumprimento das promessas feitas a Abraão, os seus descendentes são vitoriosos sobre os seus inimigos na presença de Deus e recebem a sua recompensa.

Mas, novamente, os descendentes consistem em pessoas de todas as línguas, tribos e nações, incluindo, mas não exclusivamente, Israel. Dois outros recursos para chamar sua atenção. Um deles já mencionamos, o fato de portarem vestes brancas e ramos de palmeira, o que sugerimos provavelmente retrata a vitória militar.

Alguns sugeriram que estas também eram características da Festa dos Tabernáculos e que está sendo retratado aqui que esta cena é o cumprimento final da Festa dos Tabernáculos, que encontramos celebrada no livro de Levítico e que demonstrou, por exemplo, a proteção de Deus do seu povo quando ele os tirou do Egito. E isso certamente é possível aqui. Agora, o povo alcançou a meta do seu Êxodo, que é celebrar a festa, agora celebrar a presença de Deus.

Isso é possível, embora, novamente, a maior parte disso seja baseada simplesmente nas vestes brancas e nos ramos de palmeira, o que não é certo se isso é suficiente para evocar a Festa dos Tabernáculos. É possível, mas não é certo, então vou deixar isso aqui. A segunda é notar esta referência à Grande Tribulação no versículo 9, o primeiro versículo da descrição da grande multidão.

Depois disso, olhei, e diante de mim estava uma grande multidão, que ninguém podia contar, ali de pé, com vestes brancas. Na verdade, avançando no texto onde João começa a perguntar ao anjo quem eram essas pessoas, o anjo finalmente lhe diz que estes são aqueles que saíram da grande tribulação. Eles lavaram as suas vestes, branquearam-nas no sangue do Cordeiro, novamente significando pureza e justiça e agora talvez também vitória.

Mas o que é esta Grande Tribulação? Bem, veja isso em outro lugar. Acho que essa ideia é desvendada ao longo do Apocalipse, mas provavelmente na Grande Tribulação, embora muitos intérpretes cristãos do Apocalipse sejam propensos a ver isso como um período específico no final da história, de certa forma associado a um período real de sete anos, mas muitos diriam considere isso como a Grande Tribulação é um período específico bem no final da história como um prelúdio para a segunda vinda de Cristo. Na minha opinião, porém, quando você junta o resto do livro, acho que a Grande Tribulação provavelmente descreve todo o período da existência do povo de Deus que antecede a segunda vinda de Cristo.

Um período descrito como de tribulação, de problemas. É um período, como já vimos, de sofrimento e até de perseguição nas mãos de impérios dominantes como Roma, nas mãos da besta, que em última análise tem o seu ímpeto na tentativa de Satanás de destruir Deus e o seu povo em Apocalipse capítulo 12. , de modo que provavelmente a Grande Tribulação se refere a todo o período da existência do povo de Deus, todo o período da existência da igreja até a volta de Cristo. Assim, as pessoas do primeiro século já viviam no período da Grande Tribulação.

A tribulação já havia sido inaugurada. O povo de Deus já havia começado a sofrer tribulações nas mãos do Império Romano, nas mãos daqueles que os perseguiriam e que lhes resistiriam. Pessoas como Antipas, por exemplo, sofreram nas mãos de Roma, e muitos mais, que João estava convencido, sofreriam por causa do testemunho fiel face a um Império Romano hostil.

Portanto, a Grande Tribulação provavelmente não deveria ser limitada a um período final, embora alguém possa querer sustentar que este período continuará a se transformar em um derramamento final de tribulação que então será interrompido quando Cristo retornar em sua segunda vinda para trazer julgamento. e salvação. Mas, ao mesmo tempo, a realização da Grande Tribulação provavelmente abrange todo o período, começando no primeiro século, começando com a eclosão da perseguição sob o Império Romano, talvez até antes de Domiciano. Se este livro foi escrito sob Domiciano, talvez até começando com Nero, talvez até mesmo desde a morte e martírio de Jesus Cristo sob o domínio romano.

Todo este período que agora começa com a morte de Jesus e o início da perseguição sob Roma inaugura agora este período de tribulação que só culminará na segunda vinda de Jesus Cristo. E todo este período é o período da Grande Tribulação. E agora essas pessoas saíram vitoriosas deste período de tribulação e estão no céu recebendo sua recompensa.

Agora, uma outra questão relacionada a este capítulo é quando esse evento ocorre. Curiosamente, há duas possibilidades e talvez não sejam exclusivas, mas uma é que esta poderia ser uma cena que ocorre imediatamente após a morte dos fiéis sofrendores. Aqueles que sofrem por causa do seu testemunho fiel até à morte entram imediatamente na sua herança. Eles permanecem vitoriosos diante do trono.

E assim você tem uma cena do trono celestial com todo o povo fiel de Deus vestido agora com vestes brancas, como foi prometido, por exemplo, nas Cartas às Segundas Igrejas. Então agora eles estão diante do trono celestial. Mas outra possibilidade é percebida bem no final, nos últimos dois ou três versos, três versos, você tem uma música que é cantada de certo modo, ou pelo menos você tem uma série de versos colocados na forma poética ou hínica em a maioria das traduções para o inglês.

E deixe-me lê-los novamente. E, portanto, eles estão diante do trono de Deus, esta multidão incontável de todas as tribos, línguas e idiomas. Eles estão diante do trono de Deus e o servem dia e noite em seu templo.

Aquele que está assentado no trono habitará sobre eles ou tenda ou tabernáculo sobre eles estenderá a sua tenda sobre eles. Nunca mais terão fome; nunca mais terão sede. O sol não os atingirá, nem qualquer calor abrasador, pois o Cordeiro estará no centro do trono e será o seu pastor.

Ele os conduzirá a fontes de água viva. Deus enxugará toda lágrima de seus olhos. Agora, duas coisas.

Em primeiro lugar, é interessante que seja descrito como uma multidão inumerável, o que parece sugerir finalidade ou parece sugerir o grupo final completo. Mas, em segundo lugar, alguns desses textos que acabei de ler, curiosamente, quando você chega a Apocalipse 21, são uma espécie de pastiche de textos do Antigo Testamento. Quando você chega em Apocalipse 21, esses mesmos textos ocorrem novamente.

Todos se lembram e lembram que Deus enxugará as lágrimas de seus olhos. E a linguagem do Cordeiro acampando ou habitando sobre eles lembra o capítulo 21, versículo 3, que Deus, em um relacionamento de nova aliança, estabelecerá sua habitação ou sua habitação estará com eles. Sua tenda e presença de tabernáculo estarão com seu povo.

Eles nunca mais terão fome e sede. Conduzi-los a fontes de água viva ocorre no capítulo 21. Então, eu me pergunto se isso simplesmente não é uma espécie de vislumbre ou instantâneo da nova criação nos capítulos 21 e 22 que já, em antecipação à descrição mais completa que ocorrerá, onde o céu na verdade vem à terra nos capítulos 21 e 22.

Aqui encontramos uma espécie de instantâneo, um vislumbre do povo de Deus entrando em sua herança final. Isso não seria principalmente, se é que seria, uma visão do que acontece imediatamente após sua morte e os santos indo para o céu, mas seria uma cena consumada de todo o povo de Deus que foi fiel e agora recebe sua recompensa, estando diante de Deus. , esta multidão inumerável, e agora eles entram em sua herança, a nova criação que será escolhida e descrita com mais detalhes quando chegarmos ao capítulo 21 e 22 de Apocalipse. Portanto, é uma espécie de visão rápida do que é descompactado em mais detalhes então.

Então, para resumir, o objetivo do capítulo 7 é demonstrar que durante o período da tribulação e durante o período do julgamento de Deus sobre a terra, sobre o ímpio Império Romano, e presumivelmente depois qualquer outro império que desempenharia esse papel liderando até o julgamento final, quem é capaz de se opor a isso? João responde a essa pergunta no capítulo 6. Aqueles que podem permanecer de pé são aqueles que pertencem ao novo povo de Deus, a igreja, que são selados e protegidos, que são retratados como um poderoso exército em cumprimento da imagem de Israel saindo e derrotando seus inimigos. Agora, o povo de Deus sai para se envolver em batalhas e guerras, mas o faz através do seu testemunho sofredor. Quase ironicamente, não através de armas, mas através do seu sofrimento e testemunho fiel.

E então, se o fizerem, serão vitoriosos na presença de Deus, em cumprimento das promessas feitas a Abraão de que os seus descendentes seriam mais numerosos do

que as estrelas do céu e a areia do mar e que derrotariam os seus inimigos. Agora eles permanecem vitoriosos na presença de Deus e, numa espécie de visão rápida do futuro, recebem agora a sua herança, isto é, a vida na nova criação. Vida na presença de Deus.

Portanto, eles são recompensados e justificados. Agora, novamente, o Apocalipse poderia parar aqui. Você teve a cena do julgamento e agora tem uma cena da salvação final.

Mas dissemos Apocalipse; este é um bom exemplo de como o Apocalipse é cíclico. Agora, John vai apoiar e narrar eventos e situações semelhantes simplesmente usando imagens diferentes e de uma perspectiva diferente. Portanto, ainda temos um longo caminho a percorrer para chegar ao fim, mas John já o alcançou.

Agora, apenas para voltar atrás e tentar novamente no final, descrevendo o julgamento de Deus no presente sobre o Império Romano e sobre a humanidade perversa, descrevendo o que o povo de Deus deve estar fazendo, descrevendo a natureza de seu testemunho de sofrimento, liderando depois, até a vindicação de Deus sobre seu povo, sua recompensa sobre seu povo e seu julgamento sobre seus inimigos. A outra coisa que você deve observar no capítulo 7 é como ele se relaciona com as igrejas nos capítulos 2 e 3. Para pelo menos duas das igrejas, mas também para algumas das outras que podem ter aqueles que estão vacilantes, lembre-se de algumas das igrejas Jesus Cristo falando através de João tinha algo positivo a dizer sobre eles, embora ainda houvesse áreas em que Cristo estava preocupado com o seu status espiritual ou com a sua falta de testemunho. Para essas igrejas e para essas pessoas, este capítulo seria uma fonte de encorajamento para perseverar.

Que mesmo diante do sofrimento, na verdade estão conquistando uma vitória. Este é o meio de Deus para que eles se tornem vitoriosos e estabeleçam o seu reino através do seu testemunho fiel, até ao ponto do sofrimento. E também os lembraria de que, se perseverarem, o resultado será que um dia serão recompensados e permanecerão fiéis.

Como parte de uma grande multidão, e não de uma pequena minoria insignificante, por mais que isso possa parecer aos olhos do Império Romano, eles realmente emergirão como uma grande multidão e serão vitoriosos e receberão a sua recompensa se perseverarem. Contudo, muitas igrejas, muitas das quais João se dirigiu, podem cair no lado oposto. Eles podem se encontrar como aqueles que estão sujeitos às pragas de Deus, como aqueles que não são vitoriosos, como aqueles que realmente ficam do lado daqueles que prejudicam o povo de Deus e perseguem o povo de Deus.

A única opção é arrepender-se e manter o seu testemunho fiel em Cristo, mesmo que isso signifique o seu sofrimento e morte. O Capítulo 8, então, seguindo o

capítulo 7, sendo uma espécie de interlúdio entre o selo número 6 e o selo número 7, o capítulo 8 irá agora retomar a sequência do selo. A outra coisa a mencionar, a outra coisa que uma ilusão ou um interlúdio pode fazer, a outra coisa que um interlúdio pode fazer é quando você lê os selos e todo o mal acontecendo e todo o caos e as visões de julgamentos, às vezes os selos. quase funciona literalmente como um breve alívio e meio que retarda a ação e quase uma forma de ajudá-lo a recuperar o fôlego antes do próximo ataque de focas.

Novamente, essa não é a única coisa que eles fazem. Dissemos que o interlúdio nas funções do capítulo 7 tem uma função teológica importante para interpretar os eventos e o que está acontecendo no capítulo 6 para responder à pergunta: quem pode ficar no meio do que está acontecendo no capítulo 6? Qual é a relação do povo de Deus com o que está acontecendo no capítulo 6? Portanto, tem um papel teológico importante, mas, ao mesmo tempo, proporciona quase um alívio ou uma breve pausa no meio das pragas calamitosas e malignas que são derramadas sobre a terra. Isto nos leva ao capítulo 8, onde a sequência do selo é retomada.

E dissemos que o capítulo 7 responde à pergunta: quem pode resistir? Isso também pode se aplicar ao capítulo 8. Quem é capaz de resistir ao que está acontecendo no capítulo 8? Veremos no capítulo 8 que as pragas da trombeta narradas nos capítulos 8 e 9 são dirigidas apenas àqueles que não foram selados e não receberam o selo do capítulo 7. Novamente, esta seção irá então resumir os julgamentos de Deus sobre a terra. Tendo respondido à questão de qual é a relação do povo de Deus com as pragas que estão acontecendo, descobrimos agora que a sequência da praga será retomada, mas somente depois que o sétimo selo for aberto nos primeiros versículos do capítulo 8. Então aqui está o último selo, o sétimo selo.

E novamente, depois disso, isso levará à sequência de sete trombetas, que veremos que também será interrompida entre a sexta e a sétima, mas veremos isso mais tarde. Mas o que é interessante sobre este sétimo selo no capítulo 8, como veremos, é que aparentemente nada acontece quando o selo finalmente é aberto. Mas antes de olharmos para isso, quero ler os capítulos 8 e 9. Leremos primeiro o capítulo 8 e depois voltaremos e responderemos: o que é o sétimo selo? Porque, novamente, aparentemente, nada acontece.

Em vez disso, diz que há meia hora de silêncio no céu. Isto é muito diferente dos outros seis selos que foram abertos. Mas vamos começar lendo o capítulo 8. Então, os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las.

O primeiro anjo tocou a sua trombeta e caiu granizo e fogo misturado com sangue. E foi lançado sobre a terra. Um terço da terra foi queimado, e um terço das árvores foi queimado, e toda a grama verde foi queimada também.

O segundo anjo tocou sua trombeta, e algo como uma enorme montanha, toda em chamas, foi lançada ao mar. Um terço do mar se transformou em sangue. Um terço das criaturas vivas do mar morreu e um terço dos navios foi destruído.

O terceiro anjo tocou a sua trombeta, e uma grande estrela, ardendo como uma tocha, caiu do céu sobre um terço dos rios e sobre as fontes das águas. O nome da estrela é Absinto. Um terço das águas tornou-se amargo e muitas pessoas morreram por causa das águas que se tornaram amargas.

O quarto anjo tocou a sua trombeta, e foi ferido um terço do sol, um terço da lua e um terço das estrelas, de modo que um terço deles escureceu. Um terço do dia ficou sem luz e também um terço da noite. E enquanto eu observava, ouvi uma águia que voava no ar, gritando em alta voz: Ai, ai, ai dos habitantes da terra, por causa do toque da trombeta prestes a ser tocada pelos outros três anjos.

E vou parar por aí, mas o capítulo 9 então, provavelmente não deveríamos ter uma pausa de capítulo aqui, porque o capítulo 9 continua a sequência da trombeta. Mas, curiosamente, como veremos, as próximas três trombetas são disparadas das quatro primeiras, assim como os primeiros quatro cavalos, os primeiros quatro selos, foram disparados dos três restantes. E encontramos esse mesmo padrão aqui.

Assim, as primeiras quatro trombetas do capítulo 8 formam uma espécie de unidade, e então, o capítulo 9 começa a narrar as três trombetas finais. Como dissemos antes, assim como os selos, a sexta e a sétima trombeta serão separadas por um interlúdio que, novamente, não é apenas uma digressão, mas veremos funções reais para interpretar melhor o que está acontecendo nos capítulos 8 e 9. Desempenha um papel teológico muito importante na narração da visão. Mas o capítulo 7 e o capítulo 9 da trombeta terminarão com a sexta trombeta.

O capítulo 7 da trombeta, na verdade, ocorrerá mais tarde no capítulo 11, versículos 15 a 19. Descobriremos que a sétima trombeta finalmente soará. Mas, curiosamente, o sétimo selo é finalmente aberto bem no início do capítulo 8. E como eu disse, o que é estranho nisso é que aparentemente nada acontece.

Quando o sétimo selo é aberto, tudo o que diz é que houve silêncio no céu por cerca de meia hora. E esperançosamente, como você já percebeu, provavelmente não deveríamos considerar essa meia hora como meia hora literal, que se você estivesse com o relógio ligado, você poderia ver o ponteiro dos minutos passar pela metade do mostrador do relógio, e então esse tempo acabaria. Mas meia hora, provavelmente sugerindo novamente algo significativo, mas algo limitado, algo que não dura para sempre.

Agora, a questão é: por que esse silêncio de meia hora? O que para mim, à primeira vista, não parece ser muito do conteúdo do selo. Quando você lê os outros 6 selos,

algo muito específico acontece. Exceto o Selo 5, que é uma visão das almas debaixo do altar que clamam, todos os outros são julgamentos ativos de Deus sobre o Império Romano e sobre a humanidade má, ímpia e idólatra que se recusa a reconhecê-lo e, em vez disso, persegue os santos.

Mas agora, de repente, um selo se abre e há simplesmente silêncio. E nada realmente acontece. Por causa disso, muitos sugerem que o selo número 7 na verdade, como dissemos, como um telescópio que você fica puxando, cada seção contém as outras seções dentro dele.

Alguns sugeririam que o selo número 7 na verdade contém todas as próximas sete trombetas dentro dele. Isso é perfeitamente possível. No entanto, pergunto-me novamente se o silêncio não desempenha um papel diferente e talvez desempenhe um papel à luz do seu contexto no Antigo Testamento.

Existem três maneiras possíveis, penso eu, de encarar o silêncio como parte do selo. A primeira é, e os comentários sugeriram essas 3, e há algumas outras, mas estou simplesmente me concentrando em quais podem ser as 3 soluções mais prováveis ou as 3 mais comuns. Uma delas é que o silêncio simplesmente proporciona uma pausa dramática na ação.

Mais ou menos como dissemos no interlúdio, você volta aos selos até agora, e houve um julgamento após o outro, e termina com esta cena cataclísmica do desmantelamento do universo como um retrato simbólico do julgamento final de Deus e o dia da ira de Deus e da ira do Cordeiro. Agora, o silêncio proporciona um adiamento ou uma pausa na ação antes da próxima rodada de julgamentos, que está prestes a acontecer em 8 e 9. Então, é uma espécie de chance novamente de recuperar o fôlego e se preparar para o que está por vir. virá a seguir. Isso é perfeitamente possível e certamente faz sentido aqui.

No entanto, duas outras funções possíveis. O número 1 é, ou número 2, sendo o número 1 uma pausa dramática na ação, o número 2 é o silêncio pode ser o silêncio para que as orações dos santos possam ser ouvidas, que é exatamente o que acontece a seguir após o silêncio que estamos apresentado aos anjos que estão diante de Deus e têm sete trombetas, mas eles não tocam as trombetas por mais alguns versículos. Em vez disso, você tem esta imagem de um anjo subindo ao altar e enchendo sua pia, seu incensário, com as brasas do altar, ou, desculpe, incenso do altar, que também contém as orações dos santos, que são oferecidos a Deus.

Novamente, já vimos esse tema de que a ideia é que os julgamentos que estão prestes a seguir devem ser vistos como respostas às orações dos santos. Lemos isso, lembre-se do texto que lemos em 1º Enoque e especialmente em 4º Esdras, que as orações dos santos, as orações sempre sendo oferecidas em nome dos santos que estão sofrendo, de modo que aqui, as orações dos santos provavelmente vão volte e

lembre-se do capítulo 6, o clamor dos mártires, até quando, Senhor. E assim, este silêncio pode ser para que a oração dos santos possa ser ouvida, indicando que o resto dos julgamentos agora nos capítulos 8 e 9 especialmente são uma resposta à oração dos santos.

Uma terceira possibilidade também é que, no Antigo Testamento, o silêncio é muitas vezes um silêncio que antecipa o julgamento que está por vir. O julgamento de Deus e a intervenção de Deus vêm na forma de julgamento. O silêncio é uma espécie de resposta de admiração à luz do julgamento iminente que está por vir.

E isso certamente faria sentido. O sétimo selo então é o silêncio por causa do julgamento que está por vir, que poderia ser os capítulos 8 e 9, esses julgamentos de trombeta. Mas também noto que me parece que já temos outro julgamento no capítulo 8, no qual dissemos que cada uma das séries de selos, trombetas e taças leva você até o fim.

No capítulo 8, sinto muito, no capítulo 6, o último selo, vimos a imagem da dissolução do universo e as pessoas dizendo, esconda-nos porque o grande dia da ira de Deus está presente. No capítulo 8, o sétimo selo pode agora nos levar ao próprio dia do Senhor, porque observe o que acontece no versículo 5. Então o anjo, depois de pegar um incensário e enchê-lo com o incenso, que é a oração dos santos, e sobe até Deus, provavelmente o grito de vindicação, a oração para que os santos sejam vingados, seu sangue seja vingado, eles sejam vindicados.

Agora, o anjo vai até o altar e enche seu incensário com fogo e o joga na terra, um ato simbólico de julgamento. E agora observe, novamente, a linguagem de julgamento que, novamente, o autor extrai do Antigo Testamento. E houve trovões, estrondos, relâmpagos e um terremoto.

Em outras palavras, tudo isso junto pode ser o conteúdo do sétimo selo. Como o sétimo selo é aberto, há julgamento, sim, para uma espécie de interrupção na cena, mas também para que as orações dos santos possam ser ouvidas e também como uma antecipação do julgamento de Deus. E então esse julgamento, esse julgamento final, vem na forma de fogo lançado sobre a terra e estrondos, relâmpagos e um terremoto.

E aqui, novamente, temos uma espécie de resumo. Aqui somos levados até o fim. Aqui estamos finalmente, novamente, levados ao dia do Senhor e ao julgamento final.

Apenas para mencionar algumas outras coisas sobre os versículos 3 e 4 do capítulo 8, na verdade duas coisas que quero enfatizar. Em primeiro lugar, observe novamente todas as imagens do templo que a sala do trono celestial retratava como um templo. Aqui, aparentemente, a cena muda novamente, com João de volta ao céu ou talvez

João ainda no céu do capítulo 7. O capítulo 7 terminou com João vendo a multidão diante do trono no céu.

Agora, da sua perspectiva celestial, ele vê o anjo no contexto do céu como um templo. Observe o altar, que aqui parece refletir também o altar de incenso do Antigo Testamento. O incensário que era um dos utensílios do templo e a linguagem do fogo e do carvão.

Portanto, aqui temos claramente uma imagem do céu retratado como um templo e talvez os anjos funcionando como sacerdotes. Mas o objetivo principal aqui é que eles estejam envolvidos não apenas na mediação das orações dos santos a Deus, as orações que provavelmente clamam por justiça e vingança ou vindicação, mas também no julgamento final do sétimo selo que é derramado no versículo 5. ... Novamente, junto com o silêncio, o versículo 5 é o julgamento do selo número 7. Então você tem esta imagem de um tribunal celestial continuada nos versículos 3-4. A outra coisa é notar, e é isso que às vezes torna o Apocalipse tão difícil de delinear, se é realmente isso que devemos fazer.

E é interessante quando você olha os esboços do livro de Apocalipse, eles realmente lutam nesses tipos de lugares. É interessante que 8, 1-5 na verdade acaba se sobrepondo ao sétimo selo e às sete trombetas. Porque observe, se o versículo 5 faz parte do conteúdo do sétimo selo, observe no versículo 2 você já foi apresentado, eu vi sete anjos que estão diante de Deus e eles receberam sete trombetas.

Mas então os versículos 3-5 parecem retornar ao conteúdo do selo número 7, onde o anjo oferece as orações dos santos e então se prepara para derramar o julgamento de Deus na forma de brasas do altar. Curiosamente, os sete anjos são apresentados no capítulo 2, mas não fazem nada. Eles não fazem nada até o versículo 6. Então você meio que tem esse entrelaçamento; os estudiosos costumam chamar isso de recurso interligado, e há outras coisas que eles chamam, mas seja qual for o caso, você tem seções que se interligam e se sobrepõem onde uma seção termina enquanto, ao mesmo tempo, outra está apenas começando e continuará.

Isso torna tudo muito difícil, incluindo os interlúdios que interrompem o Selo 6 e o Selo 7 e, mais tarde, as trombetas 6 e 7. Esses interlúdios, essas características interligadas do Apocalipse, tornam muito difícil chegar a um esboço fácil e preciso do livro de Apocalipse porque as coisas meio que se interligam, ou como dissemos, há interlúdios que interrompem sequências como encontramos com os selos e as trombetas. Então, começando no capítulo 6, agora que os sete selos foram abertos, cujo conteúdo provavelmente é o silêncio e também o julgamento do versículo 5, o autor nos trouxe ao final com o versículo 5, o dia do Senhor, ele vai recue e narre outra série de julgamentos na forma de trombetas. No capítulo 6, Sinto muito, no capítulo 8, começando com o versículo 6 até o final do capítulo e depois novamente

no capítulo 9, somos apresentados às sete trombetas e, à medida que cada trombeta é tocada, algo acontece na terra. ou o mar.

E também algo vai acontecer nos céus em uma dessas trombetas. Também dissemos que o capítulo 9 continua a sequência da trombeta, mas encontramos três coisas acontecendo. O primeiro, capítulo 8, nos apresenta as quatro trombetas que estão intimamente relacionadas entre si, assim como os primeiros quatro selos.

Então, as próximas três trombetas parecem estar relacionadas entre si e parecem ter um caráter próprio porque são introduzidas no versículo 13 por um triplo ai proferido por um ser angélico ou por uma águia. Então, no versículo 13, somos apresentados a uma águia, e ela emite um ai triplo, que ele nos diz que corresponde às próximas três trombetas. Duas dessas trombetas serão narradas com algum detalhe no capítulo 9. Seriam as trombetas 5 e 6. Então, a sétima, como já dissemos, é a sétima trombeta, que presumivelmente corresponde ao terceiro ai.

Então, se você está acompanhando isso, o capítulo 8 começa nos apresentando três ais que correspondem às três últimas trombetas. Portanto, as trombetas 5 e 6 devem ser ais 1 e 2. E então a trombeta sete será ai 3. Mas, novamente, a trombeta número 7 é separada da 6 por um interlúdio que consiste no capítulo 10 e também em grande parte do capítulo 11. E então, no capítulo 11, versículos 15-19, finalmente ouvimos o toque da trombeta número 7, que presumivelmente é o terceiro ai que a águia nos apresenta aqui.

Uma das questões mais significativas para entender isso é apenas um comentário geral antes de olharmos para as trombetas com um pouco mais de detalhes ou com o máximo de detalhes possível. Acho que quando você lê isso, fica um pouco complicado tentar descobrir exatamente, dada a natureza simbólica do que está acontecendo e dada a linguagem usada, é um pouco complicado determinar com precisão o que essas trombetas envolvem. Mas claramente, eles são o julgamento de Deus sobre a terra.

Mas um ponto importante a salientar logo no início é que quando você lê estas pragas, como acabei de ler, quando você lê estas pragas de trombeta cuidadosamente, você não pode deixar de notar, como numerosos comentários apontaram, e se você olhar alguns comentários, eles até colocam isso em forma de gráfico para que você possa ver facilmente, é mais uma vez que temos que voltar ao Antigo Testamento para entender isso, e isso é voltando às pragas do Êxodo. Quando você lê essas pragas, essas pragas de trombeta nos capítulos 8 e 9 também, os paralelos com o Êxodo, embora não na mesma ordem que as dez pragas no Êxodo, e novamente João usa o número 7 para indicar completude, plenitude, perfeição, o número completo e perfeito dos julgamentos de Deus neste momento na terra. Além dos diferentes números, novamente João está usando o número 7, e em ordem

diferente; a maioria delas se assemelha a uma das pragas que foram derramadas sobre o Egito.

Por exemplo, quando você lê isto, a primeira praga é uma praga de granizo correspondente a uma das pragas egípcias. Outra é transformar a água em sangue e fazer com que não possa existir; era impróprio para beber, então até alguns morreram por beber. Outra está escurecendo as constelações, então o terço do dia estava escuro, lembrando uma das pragas egípcias.

Mais adiante, no capítulo 9, seremos apresentados a uma praga de gafanhotos que tem mais de uma origem no Antigo Testamento, mas pelo menos uma delas é uma das pragas egípcias. Então John, eu acho, está modelando cuidadosamente, e também veremos que isso não é novidade com John. Outros apocalipses frequentemente se baseavam nas imagens da peste do Êxodo para retratar os julgamentos do fim dos tempos.

No entanto, João claramente se baseia nas pragas do Êxodo para retratar os seus próprios julgamentos, então o que João quer fazer é demonstrar, penso eu, o significado teológico do julgamento de Deus. Em outras palavras, o ponto principal não é tanto prever uma série precisa de julgamentos. Na verdade, penso que o facto de João se basear no Êxodo é usar simbolicamente as pragas para descrever os julgamentos de Deus sobre Roma e sobre um mundo perverso que conduz a uma segunda vinda.

Esse mesmo fato torna difícil identificar com precisão o que são. Novamente, a principal preocupação de João é usar simbolicamente as pragas do Êxodo para descrever o julgamento de Deus. Então é por isso que eu disse que acho mais importante do que identificar precisamente o que são e como eles se parecem ou como serão, é perceber o ponto teológico que João está defendendo e isso não é apenas prever uma série de julgamentos futuros específicos, mas teologicamente para dizer algo sobre o julgamento de Deus.

E isso é, da mesma forma, que Deus julgou uma nação perversa, idólatra e opressora que é a nação do Egito no passado, como um prelúdio para resgatar e redimir Seu povo e trazê-lo para a terra da mesma forma que Deus está julgando. uma nação perversa, má e idólatra, Roma e qualquer outra nação que se preocupa em seguir seus passos em antecipação e como um prelúdio para Deus mais uma vez resgatar Seu povo e conduzi-los à sua herança, que acaba sendo a nova criação de Apocalipse 21 e 22. Portanto, o ponto principal disso é evocar o motivo do Êxodo, não para nos fazer especular exatamente como serão essas pessoas, como serão, certamente, não para somar todos esses terços e dizer bem, temos tantas pessoas vivas agora, então exatamente um terço será prejudicado ou grande parte da superfície da terra será coberta por água e árvores e aqui está exatamente quanto isso não é o que João quer dizer novamente, seu objetivo é evocar o Êxodo para dizer algo sobre o

juízo de Deus para enfatizar o significado teológico ajudando nos lembramos do Êxodo, fazendo com que estabeleçamos conexões e chamemos nossa atenção de volta para o Êxodo, da mesma forma que Deus julgou um império opressivo do mal no passado, então Deus novamente está julgando um império opressivo, idólatra, perverso e ímpio agora como um prelúdio para e na expectativa de redimir Seu povo, o que já vimos, eles já usaram outro tema do Êxodo. Deus já criou um povo, um reino de sacerdotes, e é por isso que Deus conduziu Israel para fora do Egito, agora, mais uma vez, Deus criou um reino de sacerdotes e está redimindo-os deste império opressivo e perverso e os trará para sua herança que novamente dissemos que será a nova criação de Apocalipse 21 e 22 agora na próxima sessão faremos alguns outros comentários sobre o significado da conexão do Êxodo e então tente entender o que essas pragas de trombeta podem estar sugerindo no capítulo 8, mas também no capítulo 9.

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu curso sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 13, Apocalipse 7, A Multidão, e capítulo 8, O Selo Final.